

Antirracismo, uma luta de negros e brancos

» BENEDITA DA SILVA
Deputada federal (PT/RJ)

Março não é apenas o mês em que, no dia 8, celebramos a luta das mulheres por seus direitos, mas é, também, o mês em que, no dia 21, reafirmamos a luta pela eliminação da discriminação racial em todo o mundo. Nesse dia, lembramos do massacre ao protesto negro contra o brutal regime de apartheid da África do Sul, ocorrido em 1960. Contudo, o nosso foco é o dia da luta contra a discriminação racial, pois o racismo que o define, mesmo sendo negado oficialmente, é praticado diariamente em nosso país desde que o primeiro preto escravizado botou os pés aqui.

Na realidade, em nossa história, a escravidão apenas mudou do chicote para a caneta e, desta, para a exclusão social. Tanto a Abolição quanto a Proclamação da República em nada mudaram o domínio do latifúndio e a extrema concentração de renda do capitalismo brasileiro. Sem reforma agrária, sem emprego, sem moradia e sem acesso à educação, as elites dominantes impuseram a exclusão social às populações negras.

Desse modo, não se trata apenas do preconceito racial de alguns indivíduos, mas de racismo estrutural, que nasce da ordem econômica e social do país e se espalha pelas instituições, pelas famílias e pela sociedade em geral.

Mais do que dizer que existe racismo no Brasil, precisamos afirmar que o nosso país foi formado a partir do racismo, pois da Colônia à República fomos construídos econômica e culturalmente pelo trabalho de negros. Não é preciso ter conhecimento histórico profundo para se reconhecer isso.

Sem querer admitir a discriminação racial, as elites brancas falsificam o conceito de meritocracia para tentar encobrir seus privilégios. Mas meritocracia só é possível quando há igualdade de oportunidades para todos e num regime de exclusão social isso não é possível.

O preço para o Brasil ser “branco” é a manutenção da brutal exclusão social e violência institucional contra a maioria negra da população. É preciso realimentar sempre essa desumanidade social para tornar o negro invisibilizado nas favas e periferias da ordem burguesa. Somente nessas condições de profunda injustiça social e opressão racial é que as elites constroem para si mesmas a imagem de um país “branco”. Branco nos melhores empregos, nos altos escalões do serviço público, nas melhores escolas, nas universidades, nos aeroportos, nos *shoppings*. Branco na publicidade, na televisão etc. Com raras exceções, o negro só se torna visível quando sofre violência.

Mas o Brasil tem essa fisionomia racial e força cultural porque, desde os primeiros anos de escravidão, sempre houve resistência e luta pela liberdade. Expressão dessa resistência histórica, o movimento negro tem obtido vitórias importantes, como a de



incluir na Constituição o racismo como crime inafiançável.

Agora, somos vítimas de enorme retrocesso, mas conquistamos políticas públicas de promoção da igualdade racial e de gênero, pois a discriminação da mulher negra, tanto por racismo quanto por machismo, é a face mais revoltante da exclusão social.

Em 18 de novembro de 2015, em Brasília, mais de cinquenta mil mulheres negras de todo o país mostraram força e mobilização com a realização da Marcha das Mulheres Negras — Contra o Racismo, a Violência e pelo Bem Viver.

Recentemente, o Tribunal Superior Eleitoral aprovou a proporcionalidade dos fundos eleitorais e do tempo de rádio e televisão para as candidaturas negras, fruto de consulta feita em nome do movimento negro. Isso é um exemplo, entre outros, da conquista de espaços de poder e de representação política por parte do povo negro.

É uma luta incessante, em múltiplas frentes, pela valorização da nossa história,

cultura e autoestima. Querem nos fazer um povo sem história para melhor nos oprimir, mas os talentos negros brotam na literatura, nas ciências e na apropriação de nossa trajetória, de nossos heróis e do nosso protagonismo.

Finalmente, é importante dizer que a luta por uma sociedade e um governo antirracistas não diz respeito exclusivamente ao povo negro, mas interessa cada vez mais à sociedade como um todo. E não somente no Brasil, mas no mundo todo com o movimento “Vidas Negras Importam”, que surgiu dos protestos contra a morte de George Floyd (estadunidense estrangulado em Minneapolis, no dia 25 de maio de 2020, por um policial que ajoelhou em seu pescoço durante uma abordagem policial).

Há nesse anseio multirracial contra a violência — a que os segmentos negros são submetidos — o desejo de uma sociedade de paz, inclusiva, de direitos e com respeito às diferenças.

Visto, lido e ouvido

DESDE 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Virose ontem e hoje

Cabe a essa geração de brasileiros, que há mais de um ano vem experimentando as agruras de uma pandemia, adaptar-se aos novos desafios impostos por essa virose mortal, ou ao menos, seguir o exemplo e os ensinamentos de outros concidadãos que, entre 1918 e 1920, enfrentaram a grande gripe espanhola, que, só no Brasil, deixou mais de 35 mil mortes, numa época em que a população do país era de aproximadamente 30 milhões de indivíduos.

Por todo o mundo, a gripe espanhola matou mais de 50 milhões de pessoas, o que faz dessa pandemia a mais mortal de todas as viroses já enfrentadas pelos seres humanos. Passado um século dessa tragédia sanitária, quis o destino algo de sobrenatural, que, em 2020, o mundo viesse a atravessar mais um longo corredor da morte. Numa época em que os serviços sanitários e de prevenção eram ou precários ou inexistentes, a chegada dessa virose, vinda possivelmente de navio, direto de Portugal, começou a se alastrar pela população a partir do porto de Recife, no outono de 1918. Em poucas semanas, já havia sido registrado casos na Bahia, em São Paulo e no Rio de Janeiro. Naquela ocasião, era impossível um tratamento eficaz no combate à gripe espanhola, resumindo-se as recomendações médicas a hidratação e a uma alimentação moderada à base de caldo de galinha, xaropes, tônicos e outros procedimentos sem base científica e de pouca eficácia.

Não surpreende que muitos doentes tenham morrido em decorrência da mutação rápida desse vírus da gripe. A semelhança do Sars-covid-19, a gripe espanhola atingia os sistemas respiratório, nervoso, renal e circulatório, provocando sensação de falta de ar e dificuldades para respirar. Para os pesquisadores que vieram a estudar esse vírus, anos mais tarde, a gripe espanhola foi causada por uma mutação aleatória no vírus da gripe comum, dando origem ao já conhecido H1N1. A aspirina foi um dos medicamentos mais utilizados naquela época para o alívio das dores e para baixar a febre, não possuindo capacidade de deter a doença.

Hoje, como há 100 anos, alguns médicos recomendavam que as pessoas evitassem lugares públicos com muita gente transitando, como estações de trem, mercados, teatros ou escolas. Algumas pequenas cidades foram totalmente abandonadas pela população com receio da doença. Como os antibióticos e a vacinação só viriam uma década depois, o melhor e único método possível contra o vírus era simplesmente evitar a doença, evitar os contatos, isolar-se do mundo.

Também como hoje, as receitas milagrosas se espalhavam por toda a parte. Jornais, revistas, panfletos, discursos e outros meios de comunicação eram usados para espalhar os tratamentos infalíveis, como o uso do tabaco, balas de erva, tônicos e xaropes diversos, benzedeiros, rezas, incensos e outras mandingas do folclore nacional. Coincidência ou não, a mistura de cachaça, mel e limão passou a ser empregada, com relativo sucesso nessa ocasião. Do mesmo modo em que uma parte dos médicos aconselhavam o uso da hidroxicloroquina no tratamento precoce da covid-19, naquela época ficou famosa a prescrição de sal de quinino, normalmente usado para combater a malária, como remédio para a gripe espanhola, o que levou esse produto a desaparecer do mercado e dos boticários.

Assim como hoje, as autoridades daquela época menosprezavam as consequências da virose, retardando demasiadamente a adoção de medidas públicas. Somente depois que os números de mortos começaram a assustar e a chamar a atenção de todos, é que foram iniciadas algumas ações para conter o vírus, como é o caso do distanciamento físico e preventivo entre as pessoas. A grande diferença que se observa entre as medidas adotadas naquela ocasião e as que estão sendo implementadas hoje, um século depois, é que o nono presidente da República, naquela época, Venceslau Brás, convocou o cientista Carlos Chagas para comandar os programas de combate à gripe espanhola, sendo que essa feliz escolha resultou na instalação rápida de diversos hospitais emergenciais, além de dezenas de postos avançados de atendimento de socorro.

Durante aquele período, foram impostos ainda o regime de quarentena em diversas instituições públicas e privadas. Escolas foram fechadas. O trabalho interrompido. As disputas e jogos cancelados e as atividades artísticas suspensas em várias cidades do país. Segundo relatos da imprensa, o temor do contágio era imenso. Corpos e mais corpos amontoavam-se nas ruas, por dias e dias, decompondo-se à céu aberto, à espera de recolhimento e enterro.

Manifesto pela vida na Páscoa

» JOSÉ SARAIVA,
Doutorando em direito, cristão

Os tempos de morte apocalíptica, somados à perversão pública dos ensinamentos do Nazareno, clamam por uma Páscoa repleta de manifestações firmes dos responsáveis por orientar a cristandade nas suas muitas vertentes teológicas a respeito de quem é Cristo e sua posição na história humana. O silêncio crucifica Jesus e a cristandade fiel nesse gigantesco gólgota em que o Brasil se transformou.

Não se trata de manifestos políticos a respeito da tragédia humanitária, com feições de genocídio. Não. O clamor, aqui, tratado é espiritual. É a espera de afirmação contundente dos líderes religiosos cristãos de que Jesus somente pode ser conectado à defesa da vida.

Incabível o silêncio de tais lideranças em face da pública e frequente associação de Cristo a pessoas e ideias com Ele incompatíveis na essência, como os que manifestam desprezo pela vida mediante a exaltação da morte por doenças, armas, violência, descaço aos semelhantes e desrespeito humano de toda sorte.

Urge *clamar em voz alta*: Jesus é vida. E mais: Deus acima de todos, mas pela vida e não pela morte!

Assim é desde o gênesis: *Javé Deus plasmou o homem, pô da terra, insuflou em suas narinas um sopro de vida, e o homem se tornou um ser vivo*. João retrata com ênfase a presença de Emanuel no mundo: *Eu vim para que os homens tenham a vida e a tenham em abundância*.

Sopro de vida, não de morte. O sopro de vida na presença de Deus na história humana tem muitas vertentes. A de agora consiste em salvar vidas com remédios, hospitais, vacinas, além de solidariedade e

de compaixão, retratadas nas medidas sanitárias de convívio.

Qualquer transigência será farisaica. Não é possível mais silenciar ante a invocação de Deus e de Cristo por aqueles que, ao mesmo tempo, propagam em favor da morte e da violência, contrariamente à divindade em Jesus.

A Páscoa que se avizinha convida por veemente manifestação dos líderes cristãos contra os que invocam a inevitabilidade da morte para justificar as centenas de milhares de cadáveres e os milhões de concidadãos que sofreram as agruras dessa doença terrível, sem contar os que ainda sofrerão. Lembre-se das palavras de Jesus quando tentado no deserto para pôr em risco sua própria vida: *não tentará ao Senhor teu Deus*.

A cristandade não pode ser farisaica. Ser significará afastar Jesus e seu povo, ao acolher, sem qualquer ressalva, aqueles que colocam a vida do próximo em risco pela ausência de cuidados sanitários, pois Ele expulsou do templo os que subvertiam a máxima que cita: *minha casa será chamada casa de oração!* Oração para quê? Para a vida. Então, o templo não deve acolher em silêncio, quicá com alegria, os que propagam a morte, por exemplo, pela presença sem conduta protetora à saúde do próximo. Cumpra seguir Cristo na advertência e, se necessário, na expulsão.

Dentre os ensinamentos de Jesus, tem-se no Sermão da Montanha passagem relevante neste contexto: *Felizes os promotores da paz, porque serão chamados de filhos de Deus*. Soma-se a este o mandamento acrescentado pelo Nazareno ao lado do amor incondicional a Deus: *Amarás a teu próximo*

como a ti mesmo. Não há mandamento maior do que estes, diz.

Estão os líderes cristãos lembrando aos poderosos do país que Jesus não está à disposição dos promotores da morte e da violência, mas, sim, do amor ao próximo e da paz?

Deveriam, em clara e alta voz espiritual. Não política apenas. As portas dos templos e dos corações cristãos devem ser franqueadas somente aos que professam em Jesus a paz e a vida. Nesse momento de morticínio e sofrimento catastrófico dos brasileiros, negar essa coerência por questões e interesses humanos momentâneos, financeiros ou políticos, é revelar-se falso profeta, *os que chegam perto de vós sob a aparência de ovelhas, mas por dentro, de fato, são lobos vorazes*. Pelos seus atos, *os haveis de conhecer*, indica Cristo.

Jesus propaga o amor ao próximo, à vida e à paz, mesmo diante do martírio que sofreu do espancamento no tribunal até a crucificação. Incabível à cristandade silenciar e muito menos acolher os que defendem a tortura, porque estará entregando Cristo ao mesmo flagelo pelo enfraquecimento da força do seu sofrimento junto aos fiéis e aos não fiéis. Incabível lamentar a paixão de Jesus na Páscoa e tolerar, às vezes celebrar de bom grado, os que fazem apologia ao suplício do próximo, a quem se deve amar como si mesmo. Quando, ao longo de dois milênios, a cristandade se desviou dos postulados de Jesus, os verdadeiros protetores dos ensinamentos do Nazareno a trouxeram de volta ao seu esteio natural.

Nessa Páscoa, os cristãos brasileiros precisam ecoar alto o suficiente para lembrar aos poderosos a primeira saudação do Cristo ressuscitado: *A paz esteja convosco*.

»» A frase que foi pronunciada:

“Ao examinar a doença, ganhamos sabedoria sobre anatomia, fisiologia e biologia. Ao examinar a pessoa com a doença, ganhamos sabedoria sobre a vida.”

Oliver Sacks, neurologista, escritor anglo-americano

Doe

» Quem conhece Júlia Passarinho sabe o amor e a dedicação que ela tem pela Casa do Pequeno Polegar. Com toda essa crise, as doações foram insuficientes para alimentar as 228 crianças. É hora de arregaçar as mangas e contribuir com essa instituição pioneira de Brasília. Depósitos no Banco do Brasil. Ag 3129-1, CC 15387-7, CNPJ 00.094.714/0001-06.

Caediano

» Podem falar o que quiser, mas Julian Rocha Pontes foi aluno do Curso de Altos Estudos de Defesa (CAED). Altamente preparado e muito querido por quem o conhece. Fica o registro.

»» História de Brasília

Ao mesmo tempo, esses horticultores precisam ter mercado garantido para a sua produção, o que teria que ser feito por cooperativas, visto que é impossível ao homem, produzir e vender suas próprias verduras nessas condições. (Publicada em 28/01/1962)